

## UMA LEITURA DAS VOZES DA GENTE EM *AUTO DO FRADE*, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Livramento Fernanda de Lima Araújo <sup>1</sup>  
Claudenice da Silva Souza <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho analisa a obra "Auto do Frade" de João Cabral de Melo Neto, destacando a interação entre literatura e história. De acordo com o que lemos, este livro é o que mais explicitamente aborda um episódio histórico, focando na figura de Frei Caneca, personagem central na Revolução Pernambucana de 1817 e na Confederação do Equador em 1824. Mesmo sendo uma das obras menos estudadas, como aponta o crítico Saraiva (2004), é rica em narrativas que capturam o percurso do Frei desde sua saída da prisão até a execução na forca. Ainda mais, o autor retrata Caneca como um revolucionário que, influenciado pelos ideais da independência americana e da Revolução Francesa, opôs-se aos regimes arbitrários da época. Além disso, como podemos ver, a narrativa do livro é composta por várias vozes, contudo, este estudo foca na representação e percepção de a "gente das ruas" em relação ao frade, ao clero e aos oficiais. Nossa análise evidencia como a população observa e comenta o tratamento desumano e a postura de Frei Caneca diante de sua condenação. João Cabral não idealiza o religioso como um herói nacional, mas sim como um ser humano condenado a uma morte iminente, que caminha para seu fim com dignidade e resistência. Ademais, o estudo da obra de João pode ser um recurso valioso para a educação, oferecendo ferramentas para uma análise profunda e crítica da sociedade brasileira, o que nos auxilia no incentivo da formação de cidadãos mais informados e ativos.

**Palavras-chave:** João Cabral de Melo Neto, Auto do Frade, Literatura e história, Educação.

### INTRODUÇÃO

Quando falamos no entrelaçamento entre literatura e história, é fato que nenhuma obra do autor João Cabral de Melo Neto mergulha tanto de forma tão clara e profundamente na história do que o seu conhecido livro intitulado *Auto do Frade*. Vale comentar que, ainda assim, esta é a sua obra menos estudada, segundo afirmam alguns estudiosos, como, por exemplo, o crítico Saraiva (2004).

O livro põe em destaque um homem recifense que se tornou culto e famoso. Seu nome: Joaquim da Silva Rabelo, mas ao receber o hábito dos carmelitas em 1796 passou a se chamar Joaquim do Amor Divino. Depois, foi-lhe acrescentado o apelido de Caneca – pelo qual se tornou mais conhecido como Frei Caneca. A alcunha foi-lhe dada como

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande - PB, [livfernanda2@gmail.com](mailto:livfernanda2@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguagem e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande - PB, [clau909silva@gmail.com](mailto:clau909silva@gmail.com);

forma de homenagem ao seu pai – português – que exercia em Recife a profissão de tanoeiro. Frei Caneca dedicou-se à causa religiosa e eclesiástica, ao ensino, à investigação e à escrita e a causas revolucionárias.

Ao ser enlevado pelos ideais de independência dos Estados Unidos e da Revolução Francesa, o frei explicitamente se declarou contrário a governos arbitrários e/ou tirânicos. Empenhou-se, por isso, na Revolução Pernambucana no ano de 1817, revolução essa que chegou até mesmo a constituir um governo independente. Por causa dessa façanha, foi privado de sua liberdade por quatro anos quando ficou preso na Bahia.

Quando foi liberto, em 1821, e voltou para Recife, começou a se empenhar com certas tarefas ideológicas que fizeram com que surgisse a publicação do jornal *Typhis Pernambucano* e com a oposição ao governo. Em 1824, republicanos e separatistas proclamaram a Confederação do Equador. Nisso, os principais responsáveis pelo movimento foram dominados e presos pelas forças imperiais. Joaquim do Amor Divino estava fugindo para o Ceará quando foi capturado em novembro de 1824. O frei foi levado para uma prisão em Recife e condenado à morte na forca.

Na obra de João Cabral de Melo Neto, há todo o caminho desde a saída de Frei Caneca da prisão até a forca. As vozes dos oficiais, da gente das ruas, da justiça, da tropa, do clero, do vigário e do próprio frei constituem e dão vida ao texto. Nosso objetivo com este trabalho é, portanto, refletir um pouco acerca de como as vozes da gente das ruas aparecem no livro. Intentamos pensar um pouco sobre a maneira como essas pessoas veem frei Caneca, o clero e também os oficiais, mas principalmente o modo como se portam perante a situação que presenciam, situação esta que é chamada, em alguns momentos, de espetáculo.

## **UMA LEITURA DAS VOZES DA GENTE**

Ao comentar sobre outros poemas em que João Cabral faz referência a Frei Caneca, Saraiva (2004) fala de certa simpatia do autor pela figura do frei, pois ele não surge apenas em o *Auto do Frade*. Em livros como *Museu de Tudo* (1975), *A Escola das Facas* (1980) e em *Agrestes* (1985), há poemas que tematizam o frade, sua relação com os ideais revolucionários e também sua trajetória para a morte. Como o autor afirma,

Essa empatia ou simpatia não a justificaria o escritor que Caneca também quis ser, mas o recifense e revolucionário, por quem João Cabral poderia traduzir a sua pernambucana e nunca disfarçada aversão às poderosas cidades do sul, que

não “celebrou” (a cidade maravilhosa era para ele o Recife ou Sevilha) e a sua distância em relação aos ditadores militares dos anos 1964-1985 (Saraiva, 2004, p. 228).

Nesse sentido, vemos que a empatia pelo frade tem a ver com a própria empatia de João Cabral por Recife. O escritor não tinha muito afeto pelas grandes cidades do sul do país e não fazia questão de deixar isso escondido. Ao afirmar que Recife é a cidade maravilhosa, segundo Saraiva (2004), João Cabral deixa explícita sua afeição pela cidade nordestina em detrimento das cidades sulinas, bem como o distanciamento dos militares no período de 1964 a 1985.

Saraiva (2004) explica que em *Auto do Frade* não há tentativa de nacionalização de Frei Caneca. Em sua obra, João Cabral não dedicou ao frei uma epopeia moderna nem uma tragédia e nem mesmo um drama, mas sim um “[...] verdadeiro auto da paixão, dividido em estações [...]” (p. 229). Na medida em que vamos lendo, vemos o frade na cela, à porta da cadeia, entre a cadeia e a Igreja do Terço, no adro do Terço, entre a Igreja do Terço e o Forte, na Praça do Forte, e, por último, no Pátio do Carmo. Como o mesmo crítico destaca, trata-se de uma espécie de “narrativa” de viagem, que vai da prisão para a forca – e da forca para o sepulcro. A vida é degradada e se torna morte nas páginas do livro de João Cabral. O homem, ainda vivo, caminha para o seu próprio fim, como se já estivesse morto.

Há diversas vozes que aparecem ao longo de todo o trajeto do condenado para a forca. De acordo com o crítico supracitado, “essas vozes traduzem às vezes a gravidade e a solenidade de situações dramáticas, cumprem às vezes funções idênticas às do coro da tragédia, comentando, aconselhando, argumentando, anunciando, lamentando os acontecimentos [...]” (Saraiva, 2004, p. 229). Em outros momentos, estas se mostram ingênuas, paródicas e até burlescas. Isso denuncia o sotaque nordestino advindo do estilo de João Cabral de Melo Neto. Em alguns momentos da obra, as vozes comentam, curiosas, sobre as cenas que estão vendo, opinam a partir dos disparates e hipocrisias cometidos pelo Império e refletem acerca do que ocorre a alguém que soube dizer um não para aqueles que se diziam donos da nação.

A primeira fala que destacamos pertence ao capítulo *Na porta da cadeia*.

#### A GENTE NAS CALÇADAS:

- O ataúde que lhe preparam  
é mais estreito que sua cela.
- Sepultura de sete palmos,  
não se poderá andar nela.
- Como pôde existir imóvel

quem tem a cabeça inquieta?  
 – Não estranhará a sepultura  
 quem pôde existir nessa cela.  
 – Pôde ver o negro da morte  
 durante o tempo da cadeia. (Neto, 1984, p. 21)

No trecho, há a percepção das pessoas que estão nas calçadas – na porta da cadeia – à espera do que o provincial e o carcereiro chamam de espetáculo. As pessoas notam as ações sub-humanos a que é submetido o frade, como o fato de que estão preparando para ele um caixão que é mais estreito do que a cela na qual está até o momento. Curiosos indagam a respeito do fato de que o frade esteve por muito tempo em um lugar tão apertado e sem condições humanas suficientes para se viver, tendo ele a mente tão inquieta.

No mesmo capítulo, as pessoas expressam uma espécie de admiração pela maneira como Frei Caneca se comporta ao sair da cadeia, pois ele nem parece o condenado tal a forma como se porta perante a situação. As pessoas comparam esse comportamento a quando ele ia ao Convento ou ia desempenhar suas tarefas de mestre. Utilizando o recurso chamado paralelismo, o autor põe no início de alguns versos – “**Ei-lo** chega, como se nada”, “**Ei-lo** que vem lavado e leve”, “**Ei-lo** que vem descendo a escada” (Neto, 1984, p. 24-25, grifos nossos) – a mesma forma verbal, que demonstra a admiração daqueles que estavam a olhá-lo. Uma das falas que mais nos chamou atenção é uma que fala sobre a crença do frade. De acordo com a pessoa, ele crê no mundo, e por isso desejou consertá-lo. No entanto, tem consciência de que isso não ocorrerá embora tenha esperança de que virão outros para imitar suas atitudes.

Ainda no mesmo espaço, as pessoas parecem se incomodar com a maneira como tratam o frade. Incomodam-se porque ele tem uma corda no pescoço e comparam ao tratamento direcionado a uma rês. Chegam, pois, a conclusão de que a corda para nada serve e que é apenas para demonstrar que o homem que lá vai não é mais homem. Desse modo, utilizar esse objeto é um recurso para humilhá-lo e subjugá-lo, para diminuí-lo ao extremo perante todos que estavam a olhar o espetáculo, e que aquilo ficasse de lição para todos os que tentassem em algum momento subverter as ordens dadas.

Comentamos agora alguns trechos do capítulo *Da cadeia à igreja do terço*. Em determinado momento, a gente das calçadas percebe a ausência de semelhança entre o cortejo do frade a caminho da morte, pois se parece muito com uma procissão. Uma das pessoas presta atenção àqueles que estão na frente da procissão e pergunta quem são. Alguém responde: “– São os irmãos da Santa Casa, / **que se diz da Misericórdia**” (Neto,

1984, p. 31, grifo nosso). As acusações e insinuações que estão por trás e também explicitamente postas nessa frase marcam a percepção daqueles que estavam a olhar o evento, isto é, a fé cega parece não ocupar completamente suas mentes.

Mais adiante, outro trecho demarca um instante em que há uma visão de Frei Caneca assemelhado a um santo. “No centro, um santo sem andor / caminhando, é um homem sereno” (Neto, 1984, p. 33), diz a gente nas calçadas. Como vemos, novamente a ideia de calma perante a situação pela qual passa, há admiração em torno disso. Denominam-na *estranha procissão*, pois nela o santo anda e não aceitaria ser levado nos ombros de ninguém, segundo analisam as pessoas. O grau da percepção da gente das calçadas é tamanho que comparam a atitude a algo religioso, porque as tropas o levam como se estivessem levando um bispo para uma solene missa.

A ideia de chamar o que ocorrerá com o frade de *espetáculo* permanece ao longo da obra. Alguns até mesmo se perguntam se é por piedade que muitos alugam balcões nesse trajeto para a força para poder ver melhor o cortejo passar. Muitos se surpreendem indagando por que o frei estava tão calado durante o itinerário. Mesmo tendo sido senhor das palavras, conforme comentam as pessoas, não há palavras que possam lhe acudir nesse momento tão dolorosamente difícil. Ao ouvirem suas palavras, as pessoas se dão conta de que ele estava a conversar consigo mesmo dizendo-se morto embora ainda vivo.

A gente das calçadas percebe que até os gestos não lhe são mais possíveis, proibiram-lhe. A perspicácia é aguçada ao dizerem que “fazem-no calar porque, certo, / sua fala traz grande perigo” (Neto, 1984, p. 37), ou seja, sabiam dos motivos pelos quais obrigavam Frei Caneca a ficar calado, ele não podia simplesmente falar porque isso poderia causar grande rebuliço. Seus ideais e opiniões poderiam trazer perigo para a ordem, já que talvez despertassem as pessoas para a realidade política do país. Como consequência da fama e das ideias do frade, havia de fato muita gente nas ruas.

Nas páginas 42 e 43 da obra, há uma fala da gente das calçadas que diz respeito a uma espécie de aparição divina. De acordo com eles, um menino viu uma Dama celeste, que tinha um manto que servia de asas. A visão do povo é tão imbricada nos feitios religiosos que eles acreditam que, de fato, o menino viu essa santa. “Decerto é a Senhora do Carmo, / de quem é frade, e que o protege” (Neto, 1984, p. 43). Por estarem em um momento social e político bastante conturbado e arraigado de pressão e proibições, logo remetem a visão ao frade, pois ele era naquele momento o símbolo para o qual todos olhavam. Eles estavam, na verdade, à espera de algo que lhes dissesse que a situação seria revertida – mesmo que fosse um milagre, mas isso nunca chegava, esperavam pelo indulto

que livraria o frade da forca. Como Frei Caneca era devoto de Nossa Senhora do Carmo, atribuíram a ele a suposta aparição da santa. Ela era também a padroeira de Recife.

No final do capítulo, a gente das calçadas diz que tiveram de desempenhar inúmeras tarefas como em dia de procissão: lavar as fachadas, varrer as calçadas, limpar a sujeira dos cães. Até mesmo o céu estava limpo, como se nele tivessem passado água e sabão. No entanto, a verdadeira intenção é revelada: “Enforcar um homem que soube / opor ao Império um duro não” (Neto, 1984, p. 48). Houve toda uma preparação para que o frade passasse por ruas limpas em direção à sua morte. Na verdade, o império estava explicitamente a inibir e coagir, através dessas atitudes, as pessoas para que não pensassem em nenhum momento em agir como o Frei Caneca. Tornavam, portanto, o evento solene e exerciam a dominação. Para o Império, o evento se configurava como uma vitória sobre aqueles que queriam a independência. Por isso, compreendemos, o ar festivo em todo o Recife. Precisavam mostrar que aqueles que se atreviam a desafiar o império não ficavam impunes.

No capítulo *No adro do terço*, há diversas falas da gente, só que agora no adro – conforme ia andando a procissão mudam-se os locais ao longo do texto. A gente no adro observa que chegou o momento de paramentarem o frade. De acordo com a visão dessas pessoas, nunca um sacristão o ajudou tanto com suas vestimentas. Supõem, assim, que deve ser porque é a última missa de sua vida. Mesmo havendo ali tantos e inúmeros inimigos seus terá de abençoá-los. Percebem ainda que o sacristão age de modo falso para com o frei.

Vestem-no de modo luxuoso como se fosse de fato para uma missa. Depois, conduzem-no ao trono do vigário. Tudo isso sob o olhar atento das pessoas, que pensam na conveniência de se usar roxo no enforcado porque nenhum sangue é derramado. Porém começam a cogitar a possibilidade de que talvez o indulto chegue antes da morte, uns começam a ter esperanças; outros, no entanto, dizem que esse é mesmo o presságio do fim. Nisso, é iniciado o ritual de tirar os paramentos que lhe haviam posto. Por isso, a gente percebe que foi enganada porque pensava que o haviam paramentado para dizer a missa, mas não é o que ocorre. Tiram-lhe o cálice, a patena, raspam-lhe as mãos. Ao verem esse ato, a gente no adro faz uma associação: daquelas mãos que já tanto abençoaram agora é retirado o sagrado facilmente como poeira. Tiram dele também a estola “que lhe é arrancada como pele” (Neto, 1984, p. 57). A figura de linguagem comparação é utilizada para enfatizar e atribuir a tensão dramática da qual o momento é permeado.

No fim do capítulo, a gente do adro vê despirem-no do hábito do Carmo. Nesse momento, vale destacar a espécie de metáfora feita a partir da atitude vista pela gente. Para ela, despi-lo do hábito do Carmo é despi-lo da igreja. Agora, não mais pertencia à instituição religiosa. Sua roupa passa a ser apenas uma ganga grosseira. Na visão da gente do adro, ele se igualou a todos que lá estavam, ou seja, passou a ser qualquer um sem as vestimentas apropriadas do clero. Ao fim do trecho, vem a indagação: ganho ou perda? O fato de não ser mais um deles – de não pertencer mais a Igreja – é uma perda ou não? Interessante o autor colocar esse tipo de pensamento para as pessoas. Demonstra certa crítica e até mesmo consciência perante o momento que viviam. Tendo em vista a forma como a Igreja age, não pertencer mais a ela pode não ser visto como uma perda.

Ao retirarem todos os paramentos religiosos que o vestiam, colocam nele outro tipo de batina, conforme vê a gente que está no adro. Esse outro tipo de veste é conhecido como a “alva dos condenados” e faz parte da rotina desse acontecimento. O olhar crítico e mordaz das pessoas perante a imagem que veem não passa despercebido, pois dizem não ver na batina os bordados que viam nas vestes sacramentais. A nova roupa do frade já não é alva, assim a chamam de forma irônica, é, na verdade, a sua mortalha.

A chamada gente nas calçadas comenta a respeito de pessoas, mais especificamente “capangas jagunços”, que foram mandados para defendê-lo. Assim como queriam tirar-lhe a vida, também queriam protegê-lo, da “gente paga para caçar sua cabeça” (Neto, 1983, p. 63). A partir da leitura, notamos a batalha que gira em torno deste personagem, de sua importância, tendo em vista que havia forças a favor e contra sua existência. Sua fala, citada através de outros personagens, diz que ele, o Frade, não quer distinção, não quer ser mártir. Pelo que podemos observar, seu discurso surge a partir da situação na qual se encontrava: entre a proteção e o perigo. Seu intuito, como talvez possamos presumir, é auxiliar as pessoas, mas sem receber congratulações por isso, diferentemente do que ocorre com os chamados mártires da igreja católica, que impuseram às pessoas esse encargo.

Conforme vamos lendo nos versos que se sucedem, a gente das calçadas continua a comentar sobre fatos da vida do frei. Desta vez, conversam sobre o lugar no qual viveu enquanto criança, a Casa do Carmo. Dizem que “– aprendeu lá tudo o que sabe /e não só a rezar ao divino.” (Neto, 1983, p. 63). Neste caso, de certo modo, na Casa do Carmo surgem os revolucionários, posto que Caneca de lá saiu. É como se essas pessoas que o acompanham até a força procurassem, na origem do frade, o cerne de suas lutas, de sua determinação e de seus atos.

Sua peregrinação em busca de mudanças cessou-se em Acauã, cidade na qual se rendeu, e, como está dito, “[...] com a tropa viúva” (Neto, 1982, p. 65). Como sabemos, “viúva” é aquela da qual o marido faleceu. Consequentemente, deduz-se que sua morte já era esperada, tendo, por exemplo, esse adjetivo utilizado para caracterizar a tropa da qual fazia parte. À medida que segue seu calvário, a gente das calçadas compara seu caminho até a forca com uma procissão, porém sem andor, como já vimos anteriormente neste trabalho. Segundo a ritualística da igreja católica, em procissões, as pessoas transportam imagens sacras nesse objeto. Pelo que nos parece, viam-no como um santo.

Há preocupação com a maneira como viveu em sua cela, com sua aparência e saúde. Contudo, dizem, nada do que viveu foi pior que o fato de estarem destituindo-o de seu cargo, ou seja, execrando-o de sua batina. Pois foi desse modo que ele conseguiu agir sobre o que considerava errôneo dentro da vida social e política da época.

Em alguns momentos dentro da obra, podemos perceber que as pessoas anseiam pela soltura do frade. A gente nas calçadas dialoga sobre o indulto que o Imperador poderia dar. Esse ato de clemência viria como uma forma de extinguir o cumprimento da condenação imposta ao sentenciado. Com isso, de todas as formas esperam que essa ordem chegue, confabulam sobre o acontecimento, até que chegam à conclusão de que mesmo que barcos aportem nada indica que a Corte irá perdoá-lo pelos seus atos. O Frei Caneca encontra-se preso entre a forca e a cruz da coroa imperial.

Essa mesma gente que se encontra ansiosa pela salvação do condenado também anseia pela execução da sentença. Ocorre uma espécie de contradição. Acreditamos que esse comportamento se dá a partir do instante em que nenhuma decisão é tomada em relação à situação, visto que sua sentença, apesar de ser conhecida, ainda aparentava uma espécie de incerteza, conforme o pensamento da gente do largo, como podemos ver a seguir:

– Quem foi que ainda não chegou  
Para que tenha início a festa?  
[...]  
– O Brigadeiro Lima e Silva  
Dizem, é a favor do Caneca.  
– Talvez ele saiba do indulto  
E tenha ordenado essa espera. (Neto, 1982, p.78)

Essa gente continua vendo o cumprimento da sentença como um festejo, e acreditam que o “evento” ainda não teve seu início porque alguém importante ainda não havia chegado, no caso, o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, oficial que poderia dar

outro rumo à história. Nas estrofes que se sucedem surgem rumores a respeito deste homem, dizendo que ele é a favor e não contra o condenado.

O algoz da sentença se nega a executá-la. Esse é visto como personagem importante da história, pois é a partir dele que se dará o início e o fim da execução ao mesmo tempo. Contudo, ele não aceita o papel, trabalho que lhe foi incumbido, conforme ditam as pessoas que seguem em procissão.

A Dama, tida como pretexto que impulsionou a desistência do carrasco, conforme podemos presumir, é Nossa Senhora do Carmo, santa que amadrinhou o Frei Caneca, segundo acreditam as gentes da obra. Essa aparição religiosa pediu-lhe para que não executasse o afilhado. Dessa maneira, mediante a crença do verdugo, a ação não poderia ser concluída. É interessante observar que caso esse pedido não tivesse ocorrido o frei seria naturalmente executado, contudo a “fé” do executor não permitiu o término do ato.

Assim como negou o carrasco a consumação do enforcamento outros o fizeram. A gente no largo comentava a respeito de substitutos deste. Entretanto, também não quiseram, mesmo que com a proposta de suas penas, também de morte, serem revogadas, não o quiseram. Havia uma grande recusa de muitos em tirar a vida do religioso revolucionário. Em alguns momentos, sabemos que isso ocorre por temor às entidades espirituais da religião; em outros, vimos que não querem cometer tal ação, não por questões religiosas, mas por empatia ao frade.

A caminhada do frei até a forca aparenta muito tempo transcorrido. Percebemos que na medida em que o trajeto segue as pessoas se impacientam. Inicialmente agem de um modo, dando apoio ao condenado, como se esperassem que alguma mudança na situação. Posteriormente, agem de outra forma, torcendo para que a execução ocorra de imediato: “– Quem foi que ainda não chegou/ Para que tenha início a festa?” (Neto, 1982, p. 78).

Chegam a comentar novamente sobre a história da Dama que visitou o carrasco, alegando que talvez os demais presidiários tenham-na visto, também, por isso não quiseram tirar a vida do frei. É mister observar que a imagem da caminhada até a forca permanece como um evento da corte. Uma peça teatral. Assim como observamos nos versos que citamos acima.

De acordo com essas mesmas pessoas, se a oferta de assassinato de Caneca fosse feita na praça o resultado seria outro, pois não faltariam pessoas para aceitar a função. Isso nos dá a entender que a gente não tinha tanto apreço por ele, mais especificamente as pessoas do clero, tendo em vista seu ato de rebeldia e traição para com a Igreja. Como

disse a gente: “– Até padres se prestariam para salvar a ordem e a crença” (Neto, 1982, p. 83). Elas esperam um tipo ideal de carrasco: “– Que não tenha fé numa Dama/ que voa vestida de pardo” (Neto, 1982, p. 84).

O foco sai, por um momento, de como ocorrerá à morte de Caneca e passa para como ele está diante da situação. A imagem que temos do frade é de aceitação de sua sentença. Inferimos isso a partir do modo como se comporta, pois, sabendo que não há como escapar da força, apenas espera. Esse tempo de aguardo torna-se longo haja vista que não ocorre de imediato, e em se tratando de sua morte, espera-se que cesse o quanto antes a fim de evitar mais tormento. Neste caso, prolongar a vida não é algo positivo, e sim torturante.

Pensando a respeito da morte de Caneca, a gente do largo passa a personificá-la, algo que, se pensarmos bem, ocorre frequentemente. A morte dentro da literatura é constantemente transformada em uma entidade, algo próximo de um ser e não como um fenômeno. Maranhão (1986, p. 20-21) traz, em seu estudo, uma discussão que nos faz pensar a respeito:

A morte é um fato natural, assim como o nascimento, a sexualidade, o riso, a fome ou a sede, e, como tal, é transclassista. Diante dela todos os homens se igualam: sua foice é desferida indiscriminadamente, sem levar em consideração o *status* daqueles a quem escolhe; Todos devem morrer, jovens e velhos, ateus e crentes, homens e mulheres, brancos e negros – sejam ricos ou pobres. Relativizando todas as condições sociais, a morte nos mostra a absoluta igualdade entre os homens, nivelando-os ao mesmo destino.

Como podemos observar, o próprio estudioso apresenta a morte como um ser, atribuindo-lhe características típicas de um humano ao dizer que ela desfere. Isso quer dizer que, com sua foice, a morte corta a vida de quem deseja. No caso da obra, a morte está posta como um ser que devora, mas, neste caso, “nem sempre tem fome” (Neto, 1982, p. 87), já que se presume que espera. As observações continuam, dizem que ela necessita de alguém para fazer seu trabalho, de um braço, ou seja, alguém que puxe o laço duro da corda para causar sua execução. Esse alguém, como sabemos, é o carrasco, que se recusa. Mais adiante, nos versos, a morte é posta como uma pessoa, sua identidade não é mais tida como algo sobrenatural. Pelo contrário, procuram na multidão um ser concreto, aquele que possa ceifar a vida do frei.

Ninguém quis enforcar o frei, nem os presos da cadeia na qual estava, a pedido da justiça, nem o carrasco que já tinha esse trabalho por ordem. Por esse motivo, resolveram

chamar “a tropa de linha”. A gente no largo diz que nenhuma pessoa queria assumir a morte de Caneca, como se esse fato deixasse no almoz uma mácula. Assim sendo, conforme os versos, doze homens foram postos para fuzilá-lo, soldados de linha. Acreditam, ainda, que sua morte é injusta, pois ele está só diante de muitas armas. Se fosse morto pela força seria mais justo.

Na parte final da obra, *No pátio do Carmo*, temos a presença do pai do frei. Ele esperava que o indulto chegasse por navio, para salvar a vida do filho. Contudo, não chegou para lhe mudar o destino. Ao ouvir os tiros, ficou sem entender, pois “é surda a força e seus ruídos” (Neto, 1982, p. 105), ou seja, ele não sabia que a morte tinha ocorrido por fuzilamento. Mas, ao entender, calou-se. Derrubou todos os santos em que cria, porque nenhuma de suas rezas tinha surtido efeito, então nada daquilo servia mais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como vimos durante a leitura que fizemos da obra de João Cabral de Melo Neto, há determinados momentos em que as pessoas assemelham Frei Caneca a um santo. Essas mesmas pessoas também se surpreendem com a calma dele diante da morte. Admiram-se com sua serenidade perante um momento como o que está passando. De acordo com o olhar dessa gente, Frei Caneca era obrigado a ficar calado, porque suas ideias revolucionárias poderiam causar grande rebulição entre todos.

Segundo o olhar daqueles que estavam a presenciar a passagem da tropa com o condenado, não havia essa grande quantidade de gente nem mesmo nas procissões, o que demonstra que a curiosidade e o grau de importância atribuída a um evento como esse. Um olhar atento tem o anseio de pedir a bênção ao frade e de lhe beijar a mão. Na obra, esse anseio parece representar uma espécie de transfiguração da imagem do frei em uma figura santificada ou milagrosa, como se praticar esse último gesto fosse significativo na medida em que daria a oportunidade de ser abençoado por um homem que lutou pela libertação do país. Por ter sofrido e porque ia ser morto na força, sua bênção fazia a diferença para aquelas pessoas. Assim, é possível percebermos que o autor investiga as contradições sociais e políticas no Brasil por meio da figura do frei.

## **REFERÊNCIAS**

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** – São Paulo: Comaphnia das Letras, 2000.

MARANHÃO, José Luiz de Sousa. **O que é morte** – 2ª edição. – São Paulo: Brasiliense, 1986.

NETO, João Cabral de Melo. **Auto do frade: poema para vozes.** – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. (Coleção Poiesis)

SARAIVA, Arnaldo. **O Auto do frade de João Cabral: A velha e a nova história.** Literatura e História – Actas do Colóquio Internacional. Porto, 2004, vol. II, p. 225-230.